

## **Desinformação institucionalizada: uma análise das colunas opinativas de Augusto Nunes veiculadas no Jornal da Record durante a pandemia de covid-19<sup>1</sup>**

Rafael Martins Revadam<sup>2</sup>  
Simone Pallone de Figueiredo<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

### **RESUMO**

Este estudo tem como objetivo analisar o conteúdo das colunas opinativas do jornalista Augusto Nunes, transmitidas no Jornal da Record durante a pandemia de covid-19. Para isso, utilizou-se da metodologia de análise de conteúdo, que possibilitou classificar o material estudado como junk news, um conceito criado por Bradshaw et al. (2019) para identificar informações falsas que têm se utilizado da estética do jornalismo e de seu espaço noticioso para adquirir credibilidade perante à sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Covid-19, desinformação, jornalismo, jornalismo científico

### **O ESTUDO**

Em 2020, durante a pandemia de covid-19, o Brasil era comandado por Jair Messias Bolsonaro. Nesse período, o país viveu uma série de ações governamentais que visavam minimizar a gravidade da situação. Bertholini (2023) classifica a gestão do Governo Federal na época como “estratégia nacional brasileira de disseminação da covid-19”, na qual a máquina pública operava em três eixos: realizando propagandas contra o sistema público de saúde e incentivando aglomerações, dando uma série de declarações falsas (as *fake news*), além do apoio à pseudociência. Di Giulio et al. (2023) complementam que se tratava de uma estratégia pautada essencialmente na disseminação de desinformação.

Essa estratégia de Bolsonaro teve como uma das bases a comunicação. Para além das redes sociais, onde difundia seus discursos em lives e postagens, a televisão também foi utilizada como uma ferramenta importante de mobilização.

Quando assumiu o Governo Federal, em 2019, Bolsonaro reestruturou a distribuição de verbas publicitárias para as emissoras de TV aberta, destinando os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutorando em Política Científica e Tecnológica pelo DPCT/Unicamp

<sup>3</sup> Pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp

maiores valores a empresas que tinham discursos alinhados com a sua gestão. Em primeiro lugar nesta distribuição estava a Record TV, que passou a receber 42,6% do total dos recursos governamentais (Fabrini, 2023). Essa realidade foi modificada apenas em 2021, quando a TV Globo, líder de audiência, voltou a receber a maior fatia.

Cabe destacar a importância da televisão na pandemia de covid-19. Considerando apenas as emissoras brasileiras, 38 das 50 maiores audiências registradas entre 2015 e 2020 foram em 2020, quando o novo coronavírus ganhou alcance mundial. 204 milhões de pessoas assistiram à televisão naqueles 365 dias, mais precisamente, durante 7 horas e 9 minutos por dia. (Padiglione, 2020).

A disponibilização de recursos federais teve consequência direta no conteúdo exibido pela Record TV. Uma análise do programa Domingo Espetacular, revista eletrônica dominical da Record, mostrou que o programa evitava falar da pandemia, ao ponto de uma edição de três horas de duração tratar a pandemia apenas por 40 segundos. A emissora chegou a transmitir mais vezes a palavra “coronavírus” no intervalo comercial do que durante o programa (Revadam, Francisco e Figueiredo, 2022).

Outra análise, comparando os telejornais diários Jornal da Record e Jornal Nacional, da TV Globo, mostrou que não houve um movimento do jornalístico da Record TV em explorar o potencial da pandemia nas suas reportagens, ou seja, fazer matérias que conscientizassem a população e que trouxessem informações detalhadas, algo que foi feito pela concorrente. Ao contrário, ao apresentar os dados da pandemia – como números de mortos e infectados – a Record TV simplesmente narrava tais informações, sem qualquer interpretação (Revadam, 2023).

A estratégia clara da Record TV era a de reduzir ao máximo o espaço dado à pandemia e sua gravidade dentro das edições dos programas. Não se tratava, explicitamente, de difundir informações falsas, mas ocupar o tempo de tela com outras informações, que pudessem tirar o foco da pandemia ao telespectador. Entretanto, a estratégia mudava quando iam ao ar as colunas opinativas do jornalista Augusto Nunes.

Olhar para as colunas de Augusto Nunes é compreender que se trata de um jornalista de renome, que já fez parte de vários veículos de prestígio, como as revistas Veja, Época e Forbes, e que, independentemente de seu viés partidário – assumidamente uma pessoa de direita conservadora – há uma boa reputação enquanto profissional.

Sendo assim, foram analisadas 27 edições do Jornal da Record, exibidas entre os dias 1 e 31 de julho de 2020, de segunda a sábado (o telejornal não é exibido aos domingos). O mês de julho de 2020 foi escolhido por ser considerado um mês estável dentro do começo da pandemia e de sua respectiva cobertura jornalística, ou seja, não houve grandes fatos que mobilizassem operações especiais para além da urgência em saúde que o mundo vivia já há alguns meses.

Estudar este período é entender como se deu a cobertura cotidiana da pandemia, num momento em que profissionais da imprensa e sociedade já estavam minimamente familiarizados com a covid-19. A escolha por considerar todas as edições exibidas ao longo de um mesmo mês se deu para identificar a continuidade discursiva apresentada pelo telejornal.

Para isso, foi realizada uma análise de conteúdo inspirada nos conceitos de mesmo nome, defendidos por Martin W. Bauer (2004), e de análise temática, de Antonio Joaquim Severino (1991).

Bauer (2004) explica que a análise de conteúdo auxilia no entendimento de contextos, pois permite “reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos” (p. 192). Já Severino (1991) complementa que a análise temática foi criada para tentar compreender a mensagem do autor, captando a sua problematização.

Das 27 edições do Jornal da Record analisadas, 17 veicularam uma coluna opinativa de Augusto Nunes. Apesar do telejornal ser exibido de segunda a sábado, a participação de Nunes era transmitida de segunda a sexta, e não houve sua veiculação na semana de 6 a 11 de julho, o que explica a grande quantidade de edições do telejornal (10) sem o quadro do jornalista.

Considerando o total de 17 colunas opinativas, três foram classificadas como conteúdo abertamente negacionista, ou seja, possuem falas que negam abertamente a realidade da pandemia da covid-19. Para uma melhor compreensão, foi realizada a transcrição dos discursos apresentados. Em sua coluna no dia 1º de julho, Nunes fala que a gravidade da pandemia inexistente, e culpa jornalistas e políticos por alarmar o país:

“Nesta quarta-feira, pela primeira vez desde meados de março, a covid-19 não ocupou a manchete dos maiores jornais e o espaço reservado à pandemia de coronavírus emagreceu subitamente. O fenômeno ocorreu não por falta de assunto, mas por sobra de boas notícias. E os praticantes do jornalismo

funerário acham que só merece destaque o que alimenta a pandemia do medo. (...) Multiplicam-se pelo país, enfim, sinais de que o pior já passou. Isso é preocupante apenas para políticos e jornalistas transformados em caçadores de más notícias, estão todos ameaçados agora pela síndrome de abstinência” (Jornal da Record, 2020).

É importante dizer que, diferentemente do que Nunes trata, a pandemia continuava se agravando no Brasil e em 2021, o país teve mais do que o dobro de mortes em comparação a 2020 (424.133 em 2021 e 194.976 em 2020), segundo dados do Consórcio de Veículos de Imprensa (Jornal Nacional, 2021).

Já no dia 17 de julho, Nunes citou dados sem fonte para dizer que a taxa de óbitos em São Paulo havia caído, incentivando a abertura do comércio em um período em que nem vacina contra a covid-19 existia. Uma semana depois, no dia 24 de julho, o colunista defendeu os interesses da Record TV, que é mantida pela Igreja Universal do Reino de Deus. Neste espaço, argumentou pela reabertura dos espaços religiosos durante a pandemia, que estavam fechados por conta dos decretos de isolamento social:

“A ciência reconhece que, em momentos especialmente angustiantes, como o imposto pela pandemia de coronavírus desde março, cresce a importância da fé no combate às doenças do corpo e da alma. Está comprovada, por exemplo, a relevância do trabalho das igrejas na redução do número de suicídios e casos de depressão. Em países como o nosso, os religiosos também são uma espécie de psicólogos dos carentes de recursos. A soma dessas evidências aumenta a estranheza provocada pelo descaso com que têm sido tratadas todas as igrejas existentes no país, vale para sinagogas, templos e terreiros. Estão em funcionamento, por exemplo, os shoppings centers, parques, feiras livres, restaurantes e bares, mas os templos continuam fechados, e segue proibida a realização de cultos. A separação entre igreja e Estado, prevista na Constituição, torna ainda mais urgente a adoção de medidas que ponham fim a essa discriminação injustificável” (Jornal da Record, 2020).

As colunas opinativas de Nunes podem ser enquadradas no conceito de *junk news* (que, no português, pode ser traduzido como notícias inúteis). Criado por Bradshaw et al. (2019), esse conceito foi idealizado por conta do crescente cenário de disseminação de desinformação em plataformas de mídia, principalmente durante as eleições presidenciais americanas em 2016, em que, segundo os autores, os indivíduos foram inundados com informações altamente polarizadas, comentários hiperpartidários e retóricas de provocações e/ou ódio.

Essas informações, muitas vezes, são revestidas de notícias, copiando estéticas do jornalismo e se posicionando como produtos de mídia, mas sem seguir os padrões profissionais característicos das normas jornalísticas. Para os autores, uma informação pode ser caracterizada como *junk news* se atender 3 de 5 critérios: 1) as fontes não empregam os padrões e as melhores práticas do jornalismo; 2) a linguagem é motivada pela emoção, com presença de ataques; 3) a credibilidade é passível de questionamento, já que as fontes tendem a confiar em informações falsas, teorias da conspiração e não publicam correções de algo passado erroneamente; 4) existe um viés, as fontes são altamente tendenciosas, ideologicamente distorcidas e emitem opinião como se fossem notícias e 5) as fontes imitam a reportagem tradicional, empregando estratégias de conteúdo características do jornalismo (Bradshaw et al., 2019).

As colunas de Augusto Nunes são transmitidas dentro de um telejornal, ou seja, ocupam um espaço de jornalismo e usam isso a seu favor, como um reforço de credibilidade e noticiabilidade. Em muitos casos, essas colunas citam dados e informações sem dizer de onde saíram, agindo contra uma prática ética do jornalismo que é a transparência da informação; além disso, o fato de citar fontes terceiras, como “a ciência reconhece”, é para se aproximar de uma característica do jornalismo, que não é opinativo e se pauta de informações embasadas. Por fim, essas colunas também se apoiam em um viés alinhado ao discurso de Jair Bolsonaro, que também é carregado de ataques, como os feitos à China (“ditadura comunista”) e a demais profissionais da imprensa, chamados de “jornalismo funerário”.

Eugênio Bucci (2000) classifica esse movimento de ocultação deliberada: “(...) ela consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas (Bucci, 2000, p. 98).

Em outro estudo de sua autoria, Bucci (2011) alerta para a figura do Estado-anunciante, no qual o Estado se torna um dos maiores anunciantes do mercado publicitário e usa os meios de comunicação como uma forma de moldar a opinião pública. “Assim é que, ao mesmo tempo que convive com a censura, a nossa sociedade convive também com outras formas de pressão do Estado sobre a comunicação social” (p. 277).

Concluindo, no caso do Jornal da Record, e de sua emissora responsável, a Record TV, a censura tentou ser implícita aos olhos do telespectador. A pandemia, que impunha um alcance científico maior junto à imprensa, foi, em diferentes formas, minimizada. A análise da situação em que o país vivia, e que deveria vir com os dados de óbitos e casos do coronavírus, veio, na maioria das vezes, nas palavras de Augusto Nunes: sem fontes, sem referências e sem a verídica conexão com a realidade da época.

## REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: GASKELL e BAUER (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. RJ: Vozes, p. 189-217, 2004.
- BERTHOLINI, F. Brasil - “We Are All Going To Die One Day”. In: RINGE, Nils; RENNO, Lucio (ed.). Populists and the Pandemic: how populists around the world responded to covid-19. London and New York: Routledge, 2023. p. 44-56.
- BRADSHAW, S. et al. Sourcing and Automation of Political News and Information over Social Media in the United States, 2016-2018. Political Communication, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 173-193, 26 out. 2019.
- BUCCI, E. A imprensa brasileira: seu tempo, seu lugar e sua liberdade - e a ideia que (mal) fazemos dela. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Agenda Brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 266-277.
- BUCCI, E. Sobre Ética e Imprensa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 249 p.
- DI GIULIO, G. M. et al. Risk governance in the response to global health emergencies: understanding the governance of chaos in Brazil's handling of the covid-19 pandemic. Health Policy And Planning, London, v. 38, p. 593-608, 7 mar. 2023.
- FABRINI, F. Globo perde participação em verba oficial de publicidade sob Bolsonaro. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/globo-perde-participacao-em-verba-oficial-de-publicidade-sob-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- JORNAL DA RECORD. YouTube. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCmpHPgeCBgvk\\_fDXZQKsnAA](https://www.youtube.com/channel/UCmpHPgeCBgvk_fDXZQKsnAA)>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- JORNAL NACIONAL. Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/t/MyCrVvr6gW/>>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- PADIGLIONE, C. Brasileiro passou 7h09 por dia diante da TV em 2020, com recordes de audiência. Telepadi. Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/brasileiro-passou-em-media-7h09-por-dia-diante-da-tv-em-2020-com-recordes-de-audiencia/>>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- REVADAM, Rafael Martins. Coronavírus: quando a ciência ganha as manchetes: uma análise das reportagens científicas em tempo de pandemia. 2023. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- REVADAM, R. M.; FRANCISCO, K. J.; FIGUEIREDO, S. P. de. O factual científico é o mesmo factual do jornalismo?: uma análise da cobertura sobre a covid-19 no domingo espetacular e no fantástico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. Anais [...] . João Pessoa: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2022. p. 1-15.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1991. 17ª edição. 252 p.